

A representação da figura materna como um indivíduo em si no conto *Silver Tape*, de Mara Coradello

Lucélia Canassa ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo repensar a problemática da maternidade, discutindo a questão das mulheres atormentadas pelo mito da mãe ideal bem como a ideia de amor instintivo. De modo geral, a mulher mãe não é um indivíduo em si: enquanto mãe, não possui vontades ou vida própria. Para repensar essa problemática, os contos contemporâneos de contistas mulheres foram a fonte da pesquisa. A antologia organizada por Luiz Rufatto, *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, foi útil não só para delinear um quadro geral de novos discursos em relação ao tema abordado como para selecionar o conto *Silver Tape*, de Mara Coradello, que será analisado minuciosamente. Como base teórica, a filósofa Elizabeth Badinter com a tese de que o amor materno é construído assim como qualquer outro sentimento, e Cristina Stevens, estudiosa que se dedica à questão da maternidade e o feminismo na Literatura, iluminaram as análises.

Palavras-Chave: Maternidade. Feminismo. Autoria feminina.

1 MULHERES ATORMENTADAS: repensando a problemática da maternidade

A maternidade é vista como puramente feminina e, embora mude de tempos em tempos, nas últimas décadas o ideal de mãe perfeita atormentou – e atormenta – milhares de mulheres. Defende-se a ideia de que o instinto materno está inscrito na natureza feminina, o que contribui para a crença de que todas as mulheres nascem prontas para essa atividade. Essa ideia não só aterroriza as que querem ter filhos, mas não conseguem, como as que simplesmente não possuem essa vontade. Até mesmo as que podem e querem ter filhos são atormentadas, pois, a partir dessa vontade, existem cobranças de como e quando isso deve acontecer e quais as atitudes uma “boa mãe” deve ter. A realidade é que existe uma romantização do que é ser mãe: vende-se a ideia de que essa é a maior realização da vida de uma mulher, mas esquecem-se – propositalmente – de falar sobre todo o resto. Ser mãe pode, sim, ser a maior realização da vida de uma mulher, da mesma forma que pode não ser. O fato é que, mesmo que seja, não significa que será simples e fácil.

Dentre as problemáticas da maternidade, existe aquela em que toda a responsabilidade recai sobre as mulheres. Isso exclui a ideia de que o parceiro deve ajudar na criação dos filhos e que é normal a mulher acreditar que possui a maior parte da responsabilidade, o que, não raro, gera diversas sensações de culpa. O conceito de masculinidade normativa é incompatível com a ideia de sentimentos e maternação, já os estereótipos que envolvem a feminilidade encaixam-se bem com as concepções

¹ Mestre em Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina (2018). E-mail: luceliacanassa@hotmail.com

de abnegação, submissão e servilidade – características cobradas no culto da mãe ideal. Isso, em relacionamentos heterossexuais e, de certa forma, dentro de um padrão social. Quando saímos desse quadro, a problemática se mostra ainda mais ampla: dois homens podem adotar uma criança? Um pai solteiro é capaz de criar seu filho? A melhor opção para a criança é sempre ficar com sua mãe? Todas as mulheres são capazes de criar bem uma criança?

Elizabeth Badinter influenciou uma geração de franceses com a obra *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Porém, não sem causar polêmica. Em entrevista a Betty Milan, em 2015, para o *Veja.com*, a filósofa narra episódios em que seus filhos, pequenos na época de lançamento do livro, ouviam dos colegas de escola que ela não os amava, reproduzindo a fala dos seus pais que criavam essa ideia a partir da tese que Badinter defendia. É interessante pensar que o simples fato de desconstruir a ideia de amor instintivo cause tanto incômodo. A autora não trabalha com a inexistência do amor materno, como muitos podem interpretar, mas com a ideia de que ele é construído, assim como qualquer outro sentimento humano. No final do prefácio do livro, ela diz que:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou quase nada. Convictos de que a boa mãe não é uma realidade entre outra, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam. (BADINTER, 1985, p.21-22).

A problemática da maternidade é extensa e os conceitos de mãe, maternidade e maternação podem e devem ser repensados. É necessária uma revisão dessa construção e do que foi dito até então. Como as mães foram retratadas? Contudo, tão importante quanto essa retomada é pensar: como as mães estão sendo retratadas? Nesse sentido, atentar-se às escritoras contemporâneas pode ser o caminho: trata-se de um exercício de olhar para o presente e dar espaço para – quem sabe – novos discursos.

2 AS MULHERES QUE ESTÃO FAZENDO LITERATURA

Como bem pontua Luiz Ruffato na apresentação do livro *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura*:

Salva alguns admiráveis esforços para ressaltar a escrita da mulher brasileira (por exemplo, os *Contos femininos*, organizado por R. Magalhães Jr., em 1959; *O Conto da mulher brasileira*, por Edla van Steen, em 1978 e mais recentemente o trabalho de Zahidé Lupinacci Muzart, com os dois volumes de *Escritores brasileiros do século XIX*), pouco ou nada há, deixando entrever, sobre parte da rica história da literatura brasileira, o verniz de silêncio que se estabeleceu. (RUFFATO, 2004, p. 7).

No mesmo texto, *Mulheres: contribuição para a história literária*, o organizador destaca algumas escritoras que foram pioneiras, porém silenciadas – informações que não encontramos todos os dias no meio escolar ou acadêmico. Assim, o trabalho de Ruffato é uma contribuição importante para a história da literatura brasileira. O livro reúne 25 contos de autoras que começaram a publicar a partir

de 1990. Sendo a única exigência textos inéditos, não há limite de idade, tema, ideologia, estilo ou extensão do trabalho, o que faz com que a coletânea seja um painel de diversos assuntos e vozes de mulheres que têm muito a dizer. Ele ainda cita diversas outras autoras que não entraram na coletânea, como forma de homenageá-las. *Mais 25 mulheres, outra antologia*, que se confirma no ano seguinte com o livro *Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*.

Para o presente trabalho, o olhar foi direcionado para a questão da maternidade. Isso porque, de modo geral, o fato de mulheres abordarem o assunto traz alguns pontos que é necessário considerar. Por exemplo, mesmo que não sejam mães, praticamente todas as mulheres passam por uma socialização que inclui a maternidade como um dos pontos chave de “ser mulher”. Além disso, as distorções que envolvem a maternidade fizeram com que o próprio movimento feminista ignorasse a questão por muito tempo e, da mesma forma, a temática gerou muitas dúvidas entre as escritoras, pois elas temiam que fosse “limitadora”.

Ao voltar-se para um assunto numa coletânea de 25 autoras, percebemos o que deveria ser óbvio: não existe uma verdade feminina, pelo contrário. Há uma multiplicidade de experiências que devem ser consideradas, mesmo que a maioria passe pelas mesmas tentativas de imposições sociais. Temos, dessa forma, a mãe de Arnold que rouba e violenta um homem em *Silver Tape*, de Mara Coradello; as experiências de três mulheres e suas gravidezes inesperadas, em *Sétimo mês*, de Cecília Costa; a filha que odeia a mãe, em *Mãe, o cacete*, de Ivana Arruda Leite; a mãe que perde o filho e narra as dificuldades e suas dores, em *Desalento*, de Tatiana Salem Levy; e a mãe cigana que abandona a filha e não é julgada nem condenada por isso, em *O morro da chuva e da bruma*, de Leticia Wierzchiowski.

Nos exemplos citados, é possível perceber os novos discursos que envolvem o tema em questão. As autoras passaram a repensar, sim, a problemática da maternidade – conscientes disso ou não. Em *Ressignificando a Maternidade: Psicanálise e Literatura*, Cristina Stevens fala sobre isso no campo da Literatura:

Direcionando essas preocupações para o terreno da literatura, percebemos que os textos literários de uma certa forma reforçam esse silêncio sobre gestação, parto, relação mãe/filha, maternação. Além disto, a mãe não aparece como um indivíduo em si: pensar a mãe nesses romances é pensar sua intrínseca qualidade relacional – ou seja, a mãe existe a partir de sua “produção” de uma criança, e sua identidade é portanto inexistente fora dessa diade. (STEVENS, 2013, p. 9).

Relacionando com os contos citados, temos exatamente o contrário: personagens mostrando que suas individualidades vão além da maternidade e, portanto, são um sujeito em si, contos que giram em torno da gestação, bem como contos em que as relações entre mãe e filha não só aparecem, como também rompem com a ideia de instinto materno automático e afetivo.

3 MÃE, UM SUJEITO EM SI EM *SILVER TAPE*, DE MARA CORADELLO

A construção do conto é intrigante. Em um primeiro momento, ficamos sem saber de quem é a voz: se de um narrador personagem ou um narrador em 3ª pessoa. Até certo ponto, é possível trabalhar com a ideia de que se trata de um narrador em 3ª pessoa que permite, em alguns momentos, que a personagem fale através de escritos, visto que a primeira vez que o texto passa da primeira pessoa

para a terceira é marcado pelo trecho: “EU NÃO VOU ESCREVER MAIS. Ela olhou para os livros na estante e decidiu.” (CORADELLO, 2004, p. 80).

Mais adiante do texto, porém, percebemos que é sempre a personagem: ela é a narradora e a protagonista. O texto se repete: frases e trechos inteiros. Na verdade, a impressão é de reconstrução, numa aparente tentativa de chegar numa versão final. É como se alguém estivesse tentando escrever uma história, escolhendo as melhores palavras e expressões, ao mesmo tempo em que fosse se dando conta de qual é o melhor modo de escrever. Conforme os trechos são reescritos e reconstruídos, mais detalhes são adicionados e, assim, o leitor vai preenchendo as lacunas e construindo o sentido com as próprias informações do texto. A “versão final” é toda em primeira pessoa. Essa tentativa de escrever uma história se configura como um conto de fadas irônico – que acontece paralelamente aos pensamentos da personagem. Expressões como “moças nem tão donzelas”, “vales de bites”, “príncipe javanês”, “príncipe *playboy*” configuram isso:

Então ele a procurou pelos vales de bites e pelos atalhos nas teclas. Então, o príncipe enfadonho pediu:

- Traga-me o coração dela numa caixa.

Tendo pedido isso, ao caçador surdo, ele trouxe ao contrário. O corpo dela numa caixa, sem coração. (p. 86).

Enfim foram felizes para sempre, o príncipe *playboy* que ocupava-se em despertar na moça do sol algum sentimento e que ganhar em troca, esgares.

E ela que não via a futilidade do príncipe amuado, por estar agora em um corpo sem coração, perdia-se em dominar a lua. (CORADELLO, 2004, p. 88).

Há, também, a ideia de um alter ego, a duplicata de apenas uma mulher. O trecho seguinte ilustra bem isso:

Quando é empurrado na sua cadeira de rodinhas de cerca de dois mil dólares para debaixo do choveria ela/eu perguntamos:

Água fria ou quente?

Enfim nós duas concordamos: fria. Já que você não pode falar com sua boca cinza metálica skatista. (CORADELLO, 2004, p. 87-88).

A impressão que temos ao longo do conto é a de que existe uma versão da protagonista que tenta sufocar outra. Essa outra parece existir em um mundo em que ilusões e esperanças são permitidas, em contrapartida da primeira, que tem uma obsessão pela realidade:

Para aguentar a privação vasculho as coisas e pessoas o tempo inteiro. Descubro o login dele e a senha. [...] eu vou sempre tentar descobrir o que você não fala. Às vezes sonho. Em outras sou antiética. Não que meus sonhos também não sejam antiéticos. (CORADELLO, 2004, p. 84).

Esses sentimentos duais podem ser analisados no trecho seguinte:

Criei sim, um novo sentimento ontem, saudades recentes misturadas a ódio. Já ouviram falar? Foi quase uma invenção culinária. Tal a aspereza de uma em contrapartida com a outra. [...] Saudade com ódio pode ser o correspondente sentimental para doce de jiló. Poderia ser mero doce de mamão, só saudade, mas tem aquele ódio, a impedir que a saudade seja, a fruta. (CORADELLO, 2004, p. 85).

A personagem da história é uma mulher divorciada, de 42 anos, mãe de Arnold, que tenta retomar a vida social frequentando “[...] lugares com luzes artificiais e pessoas com cheiros arremedados com roupas atraentes demais, pavoneando por cima de tudo, amando as superfícies [...]” (CORADELLO, 2004, p. 82). Ela conhece homens pela internet e a história gira em torno do seu relacionamento, à procura de emprego e com contas a pagar, com um homem rico – talvez devido à herança herdada da mãe e do pai. Entre eles, uma sutil diferença de idade.

O texto com repetições mostra que, na realidade, o homem não fez nada diretamente contra ela. O que temos de informação é que eles se encontram em um café e ela passa a se interessar por ele quando conhece seu apartamento – que indica que ele gosta de arte – e sente, instantes após gozo, que o ama – exatamente por ele fazê-la gozar em meia hora. A presença da arte, no conto, é significativa. Há, como epígrafe, o trecho de um poema de Ana Cristina Cesar, em *Luvas de Pelica*: “Ele me diz com o ar um pouco mimado que a/ arte é aquilo que ajuda a escapar da inércia”. Se, de modo geral, a frase que aparece no início de um texto serve para resumir ou mostrar o tema, há o retrato de um “ele” caracterizado como mimado, que acredita que a “arte é aquilo que ajuda a escapar da inércia”, ou seja, à falta de movimento. As referências às obras de arte no apartamento do homem e um dos crimes que a mulher irá cometer – roubar um de seus quadros – mostram essa relação.

O encontro entre a mãe de Arnold e o homem que ela conheceu pela internet se configura como casual. Além disso, a protagonista fala sobre os “dogmas da religião Não é Amor”. Essa tentativa de seguir os dogmas em questão mostra, mais uma vez, sentimentos duais. O receio de escorregar nas regras dessa religião, que poderia caracterizar apenas insensibilidade ou falta de vontade de se relacionar, parece revelar, ironicamente, a vontade de ser inteiro, e não quase:

Quase bom. Sempre esse quase, que me parece parte da religião Não É Amor. Hora de cair fora. E como sempre quando começo a desrespeitar os dogmas da religião Não É Amor, fico estranha esquiva, quase encostada na porta do meu lado do carro: carona. Que o meu tipo popular pagou o ano passado todo da escola de Arnold. Pareço sempre pronta a abrir a porta e rolar no asfalto. (CORADELLO, 2004, p. 83).

Temos uma mulher que se recusa a ideia de envolvimento afetivo, preferindo casos fugazes, amores livres e, como que com medo de uma dependência emocional, fugindo quando seu plano de ter controle sobre o que sente começa a fracassar, mesmo que isso também a machuque.

Antes das cenas finais, pela voz da personagem, sabemos que o mais provável era que nem ela nem ele ligassem, caracterizando, dessa forma, uma relação amorosa dos tempos modernos. O que parece despertar a sede de vingança da protagonista é que, ao descobrir a senha e o *login* do homem, ela também descobre as outras mulheres com quem ele saía – uma lista da qual ela não fazia parte. Os encontros que acontecem em hotéis cuja diária fazia sua compra do mês ou restaurantes que pagariam a mensalidade da escola de Arnold parecem enfurecê-la.

Ele, contrariando as expectativas, liga depois de duas semanas. Ela, contrariando sua vontade de gritar, aceita o encontro e planeja sua vingança. Nas cenas finais, temos um homem amordaçado com uma fita cinza na boca – referência ao título do conto – preso a uma cadeira debaixo de um chuveiro ligado com água fria caindo sobre ele, enquanto ela rouba um dos seus quadros – um “Vik Muniz”. Antes da protagonista aparecer com uma arma calibre 22/42, o homem permanece acreditando que

aquilo era apenas uma brincadeira erótica. O desfecho é ainda mais intrigante: ao voltar para o banheiro para se despedir, a mulher surpreende-se: o homem ainda estava pronto, na “versão final”: “[...] ainda tinha o pau duro, inclinado para cima, convidativo, intumescido, túrgido e desafiador [...]”. (CORADELLO, 2004, p. 95). Dessa forma, a personagem não só o rouba, como também decide violentá-lo:

Coloquei Vik no chão. Meses da escola de Arnold e a mudança para uma casa no interior do Espírito Santo com flores brancas nas jardineiras azuis. Deixei a arma na bancada da pia de granito negro. Tirei toda a minha roupa. Violado. Roubado. Violentado. (CORADELLO, 2004, p. 89).

Ele sequer tentava se libertar, ficava ali, intrusmecido e em quase estado de turgência, sendo literalmente comido por mim. Violado, roubado e violentado. (...) Agora sim, o pau estava latente, em descanso. Serviço completo. Sem seu dinheiro de volta. (CORADELLO, 2004, p. 95).

Nesses trechos, é possível analisar a mulher mãe enquanto sujeito em si. Temos a subversão não apenas da mulher que passa de objeto de consumo para agente, como a da mãe que não é maternal no sentido restrito e idealizado do termo. A imagem da mãe que pensa nos interesses do filho: “meses da escola de Arnold”, roubando um quadro para concretizar seus planos de “uma casa no interior do Espírito Santo com flores brancas nas jardineiras azuis”, e que larga a arma apenas para tirar a roupa e violentar um homem é, no mínimo, inédita.

No mesmo tom que o conto inicia “tenho tanta saudade” (CORADELLO, 2004, p.79), ele termina: “[...] por via das dúvidas, peguei o frasco do perfume dele, para mandar algum amante novo usar – caso a saudade apertasse [...]”. (CORADELLO, 2004, p. 95).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já pontuado, a problemática da maternidade é ampla, sendo possível abordar vários temas ou subtemas e de diferentes formas. Tentar enquadrar e categorizar a figura materna se mostra pouco útil. Ao mesmo tempo, a quebra do estereótipo e o retrato de uma mãe que, além de um sujeito em si, pode ser violenta, sexual e criminosa, como no conto de Mara Coradello, mostra uma ruptura interessante que parece chegar com os novos discursos das mulheres que escrevem.

O objetivo do artigo foi o de mostrar esses novos e diversos discursos em apenas uma antologia, ou seja, o campo de pesquisa em relação a esse tema se mostra muito fértil. Da mesma forma, é importante frisar que a análise um pouco mais aprofundada foi de apenas um conto, bem como apenas uma figura materna enquanto sujeito em si foi retratada.

Cristina Stevens, no artigo *Ressignificando a Maternidade: Psicanálise e Literatura*, ilumina bem os questionamentos e os novos caminhos para se percorrer:

O que é ser mãe? O que significa “maternal”? Não podemos imaginar que há respostas definitivas para essa complexa indagação, formulada a partir de variadas perspectivas. Acredito que o feminismo começa a escutar as histórias que as mães têm para contar; acredito também na importância da resignificação da mãe/do maternal, para que possamos nos livrar de sacralizações e fantasias que nós mulheres naturalizamos por tanto tempo. (STEVENS, 2013, p. 5).

O que se espera, portanto, é que esse “passar a olhar” para as questões da maternidade e maternação se estenda, também, para as artes e, em especial, a Literatura – que pecou por tanto tempo no retrato extremamente limitado sobre o que é ser mãe.

Mother's representation as an individual in itself in the short story *Silver Tape*, by Mara Coradello

ABSTRACT

The purpose of this work is to rethink the problematic of motherhood, discussing the issue of women tormented by the myth of the ideal mother and the idea of instinctive love. In general, the woman mother is not an individual in itself: as a mother, she has no will or life of her own. To think this problem, the contemporary short stories of women writers were the source of the research. The anthology organized by Luiz Rufatto, *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, was useful not only to delineate a general framework of new discourses in relation to the subject covered but also to select *Silver Tape*, by Mara Coradello, that will be analyzed in detail. As a theoretical basis, the philosopher Elizabeth Badinter with the thesis that maternal love is constructed just like any other sentiment, and Cristina Stevens, who deals with the issue of motherhood and feminism in Literature, illuminated the analysis.

Keywords: Maternity. Feminism. Female authorship.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. “Interview.” MILAN, Betty. **Veja.com**. 10 maio 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/multimedia/video/o-culto-da-mae-perfeita-e-diabolico-com-as-mulheres-afirma-elisabeth-badinter>. Acesso em: 01/01/2016.

_____, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CORADELLO, Mara. “Silver Tape”. In: RUFFATO, Luiz. **25: mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RUFFATO, Luiz. **25: mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

STEVENS, Cristina. **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

_____. Resignificando a Maternidade: Psicanálise e Literatura. **Revista Gênero. Programa de Estudos Pós Graduated em Política Social UFF**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/385>. Acesso em: 02/02/2016.

BIOGRAFIA

Lucélia Canassa

Mestre em Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina (2018). Graduada em Letras Vernáculas e Clássicas, pela Universidade Estadual de Londrina (2014). Tem como interesse os estudos literários, os estudos de gênero e os estudos das masculinidades.